

---

## FORMAÇÃO HUMANA E EDUCAÇÃO: CONTRAPONTO À RACIONALIDADE E À INDÚSTRIA CULTURAL\*

---

DOI 10.18224/frag.v29i2.7273

CLEUDES MARIA TAVARES ROSA\*\*

*Resumo: o presente artigo objetiva compreender a educação e a formação humana na sociedade contemporânea. Sociedade que apresenta índices altos de sofrimento. Entende-se, aqui, que tal sofrimento advém da racionalidade constitutiva e constituinte das relações que marcam a mesma, sejam relações objetivas ou subjetivas. E questiona-se qual a contribuição da educação para a superação deste contexto. Para tanto, o presente artigo ancora-se na teoria crítica frankfurtiana, especialmente em Adorno e Horkheimer, cujas reflexões teóricas e metodológicas propiciam a compreensão da tensão entre sujeito e objeto, particular e universal, indivíduo e sociedade. Para a discussão, são centrais as categorias trabalho, cultura e barbárie, formação humana e educação, racionalidade e sofrimento.*

*Palavras-chave: Formação humana. Educação. Racionalidade. Indústria cultural. Barbárie.*

### RACIONALIZAÇÃO: CULTURA E BARBÁRIE

A sociedade capitalista, complexamente desenvolvida tecnocientificamente, sustenta relações desumanas e violentas. Os autores Adorno e Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), questionam-se a respeito do motivo. E se interrogam: “[...] por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

O homem, doravante aqui denominado no sentido genérico de humanidade, constituiu relações complexas (de convivência; organização da vida; relações jurídicas de determinação do comportamento intergrupar; de constituição de família; religiosas, políticas etc.) ao longo do processo civilizatório e cultural, e, a partir de meados do século XVII, tais relações

---

\* Recebido em: 14.04.2019. Aprovado em: 08.12.2019.

\*\* Doutoranda em Educação (UFG). Especialista em Direito Civil (UNIDERP). Mestra em Sociologia (UFG). Professora, Pesquisadora e Coordenadora da Área de Sociologia (PUC Goiás) e NEVIDA (PPGE/FE/UFG). Graduada em Ciências Sociais (UFG) e Direito (PUC Goiás). *E-mail*: apohennarosatavares@hotmail.com

foram tematizadas e discutidas. Tal compreensão centrou-se em uma perspectiva racionalizada, segundo a qual, no antropocentrismo, o homem, ocupando o centro de tudo, deveria, por meio do uso de sua habilidade intelectual, racional, observar, compreender e explicar o mundo, a natureza e a sociedade; e, nela, as relações e os conflitos vivenciados e analisados a partir da razão.

Nesse caminho, o contributo da filosofia foi fundamental para explicar as propostas desse momento, e o termo esclarecimento foi utilizado para identificá-lo. Para tanto, deve-se compreender o conceito de esclarecimento, de autonomia (*Aufklärung*), em Kant (2008, p. 63), como

a saída do homem de sua menoridade, da qual ele é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!*

Em Adorno e Horkheimer (1985), contudo, o termo designa o processo segundo o qual os homens se libertam do jugo da natureza, que “possui” poderes outros não conhecidos e não dominados por eles. Logo, o esclarecimento, na perspectiva desses autores, remetia ao processo de libertação dos poderes míticos contidos na natureza, replicados por uma substitutividade na magia, os quais a filosofia intentou explicar, buscando a autonomia do pensamento em face dos objetos e, todavia, enredou-se naquilo a que havia se contraposto. E, a racionalização ali buscada, encontra-se presente e é continuada nas reflexões científicas. Tal racionalização não reflete o pensamento esclarecido, pois o esclarecimento seria

como um processo de emancipação intelectual, resultando, de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria, e, de outro lado, da crítica das prevenções inculcadas nos intelectualmente menores por seus maiores (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 7).

A compreensão de tal processo racionalizado consiste em sua caracterização feita por uma uniformização: de qualidade; de meios, tanto técnico relativo à produção, quanto técnico relativo à organização do pensamento; hierarquia no comando; padronização e produção em série; organização e planejamento, conforme os interesses econômicos prevalentes. E, criaram e criam uma falsa identidade entre universal e particular, uma vez que a racionalidade leva a dominação por essa homogeneização que assinala tanto as relações objetivas (remetem à organização da sociedade: técnico produtivista, jurídica, econômica e política) quanto às subjetivas (organizam o pensamento, homogeneizando-o, e, a partir daí, distribuem bens padronizados a consumidores cujas necessidades, sejam de bens materiais ou imateriais, são planejadas a partir da indústria cultural; que homogeneiza até a manifestação de sentimentos: por exemplo, o carinho direcionado a alguém deve ser constantemente festejado e presenteado em datas festivas: dia das mães, dos pais, dos namorados, Natal e etc.). E essa é uma das características do que seja violência. A violência é constitutiva do homem, e se manifestou na sua luta pela satisfação de necessidades, sendo pela domesticação via trabalho que tais satisfações foram constituídas. O homem interferiu na natureza e a dominou, dominou

outros homens, e conforme Marx (2002) é, portanto, no processo de trabalho que a formação humana inicia. Para Marx (2002), é a partir da formação pelo trabalho que pode se pensar a forma universal do trabalho alienado no capitalismo. E, este homem que, no processo, interferiu nos fenômenos naturais e tentou compreendê-los, pela mimese, passou a estabelecer interditos culturais e morais para os demais, os conduzindo à domesticação dos instintos e ao princípio de realidade (FREUD, 1995). Pelo mito, as forças da natureza foram domesticadas, objetivadas e, mimeticamente, por ele, regulou-se o comportamento humano e reduziu a angústia frente ao desconhecido. Adorno e Horkheimer (1985) dissertam que, nessa relação, o homem instrumentalizou a razão e se orientou à dominação.

## INDÚSTRIA CULTURAL: A RACIONALIDADE COMO DESENCANTAMENTO DO MUNDO E ENCANTAMENTO DA VIDA

A sociedade foi e é constituída em uma racionalidade, cujo programa adveio de um esclarecimento como desencantamento do mundo (WEBER, 2006). Esse mundo, desencantado, propiciou, conforme Adorno e Horkheimer (1985), o domínio da natureza e dos outros homens. Todavia, não levou a superação por ele, homem, da não razão. Uma vez que ele, homem, mantém em si a fantasia, a vaidade, o narcisismo, a violência.

A sociedade administrada, entendida como organização racional e totalizante, que prevaleceu no capitalismo tardio (ADORNO, 1995b), impõe, através da indústria cultural, um padrão de: educação, de comportamento, de formação. Estes uniformizam visões de mundo, nivelam os indivíduos e aprofundam a dominação. “Por toda parte e, para além de todas as fronteiras dos sistemas políticos, o trabalho industrial, tornou-se o modelo de sociedade” (ADORNO, 1994). Tal dominação se manifesta continuamente na atualidade e traz a modelagem causada pela maquinaria, “alguns são obrigados a se submeterem até em sua mais íntima emoção, ao mecanismo social como portadores de papéis” (ADORNO, 1979). Eis a adaptação do indivíduo a essas condições sociais. Adaptação que é imposta sutilmente, uma vez que aos indivíduos as escolhas já estão definidas, “para o consumidor não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado pelo esquematismo da produção” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103), e, na teoria do papel, a presença da teatralidade e o prolongamento da não identidade do homem consigo mesmo (ADORNO, 1995a). E, nada há mais que escolher, pois nessa racionalidade todos os aspectos da vida humana estão envolvidos em sua lógica. Todas as necessidades são criadas e recriadas pela indústria cultural como entretenimento para preenchimento do vazio da escolha. O homem se tornou o objeto. A indústria cultural é o sujeito que lança, debruça o olhar sobre o objeto, tal qual na teoria tradicional, e gira em torno dele; dando-lhe o que a ela, indústria cultural, deseja ver neste objeto: determinação objetiva de sua (de)formação humana. Ele, objeto, o homem adapta-se para não sofrer, não adoecer, evita a frustração, pois é preciso ser feliz sempre.

Esta adaptação advém do não enfrentamento, da não resistência ao operacionalismo que marca as relações de trabalho e sociais, que se constituem a partir das relações objetivas e subjetivas. Ambas levam à constatação da manifestação da frieza humana e à destituição da razão enquanto esclarecimento da realidade e emancipação do sujeito, que se supõe livre das determinações sociais.

Razão, para Adorno e Horkheimer (1985), é um conceito associado à constituição do sujeito que comanda outros; todavia, antes, deve se comandar a si próprio, deter o contro-

le de si. O que resta demonstrado nas relações objetivas, constituídas a partir dos interesses econômicos, tecnológicos, legislativos que orientam as instituições e as relações formais de trabalho, de produção da vida; e nas relações subjetivas, também marcadas pela racionalidade pragmática, matematizadora, calculadora, uma vez que a interferência da racionalização na esfera da vida íntima dos homens prevalece até na escolha e determinação do modo de constituição da família, a escolha da profissão mais rentável, a adesão cega aos interesses econômicos com sacrifício do corpo e das emoções; é que prevalece o domínio da técnica como um conhecimento pragmático e a serviço de uma racionalidade destruidora do processo de humanização, afinal, a “técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 20).

A razão de dominação, de controle, da natureza, do outro e de si estão aqui presentes. Essa racionalidade separa sujeito e objeto, natureza e cultura, particular e universal, eu e mundo e torna paixão e emoção, sentidos e imaginação inimigos do pensamento, se pensar, e leva ao sujeito a anexar o outro, diferente, a dar-lhe ordens, submetê-lo, controlá-lo. Todo esse processo contraditório constitui-se em violência, dominação e sofrimento.

É preciso considerar que, tanto social como culturalmente, ocorre uma produção do sofrimento; nele, a inclusão dos “aspectos objetivos e subjetivos”. Estas tensões entre interesses pessoais e o outro são visualizadas nas relações de trabalho e/ou relações sociais de produção. Tais relações possuem e são constituídas por enredos, sendo que tais enredos e tramas nos exigem especializações, qualificação para o mundo do trabalho e levam a questionar o que seja educação e formação

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA: DESAFIOS E ENFRENTAMENTO À INDÚSTRIA CULTURAL E À HETERONOMIA

Na sociedade administrada, as uniformizações dos comportamentos, individuais ou sociais, reverberam na atitude e preferências dos indivíduos e constitui uma atualização da cultura. E prevalece um projeto mais amplo, sutil e profundo de homogeneização do pensamento e das escolhas, cujo alcance açambarca e obscurece pelo véu tecnológico todo o processo de dominação e tal situação conduz a barbárie.

É preciso refletir sobre a cultura e civilização. Adorno alerta que aquilo que nelas, cultura e civilização “[...] o espírito iluminista, desde Kant e Freud, quis ver estreitamente ligadas, vêm agora, de fato, se separando. Não está certo invocar a cultura contra a civilização” (1979, p.97). Estas trazem implicações para as reflexões sobre a subjetividade humana; é preciso voltar a Freud (2010) para compreender a pressão civilizatória imposta aos indivíduos, que assimilam e representam papéis sociais que

de um ponto de vista fenomenológico, portanto como descrição de uma situação de fato, ele é procedente. Quer me parecer que, para a maioria das pessoas, as identificações com o superego que efetuam e de que então não mais conseguem se libertar sempre eram ao mesmo tempo mal-sucedidas (ADORNO, 1995a, p. 178).

E, não necessariamente, conseguem tensionar os estímulos entre autopreservação e autodestruição. Tal tensionamento poderia levá-los a se entender como sujeito, não objeto, no

processo civilizatório, pois a sociedade administrada, “exalta a cultura à custa da sociedade de massa, o consumo de bens culturais como manifestação do próprio gosto superior na formação da alma, tudo isto é, justamente, inseparável do que a civilização tem de desarticulado e desagregador” (ADORNO, 1979, p. 98). A sociedade administrada, por tudo isto, “se tornou intolerável a si própria” (ADORNO, 1979, p. 98) e gera claustrofobia, estranhamento, indefinição nos indivíduos. Segundo Freud (2010), as possibilidades de felicidade são restringidas, conquanto a busca da satisfação irrestrita de todas as necessidades seja tentadora e o homem coloque o prazer à frente da cautela. E aí está presente o risco da dor. Para evitar o desprazer, os homens se diferenciam através da cultura. A cultura é barbárie e violência, pois dita os limites ao princípio do prazer e o faz, como regra, causando sofrimento; sofrimento este que é advindo do princípio da realidade e, “[...] justamente esses momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura” (ADORNO, 1995 a, p.157). Com o princípio da realidade impondo-se culturalmente sobre os indivíduos, com ele, princípio de realidade, os freios culturais modelam o indivíduo e ditam os fins aos quais esses indivíduos se submeterão. Nessa sociedade que dita a regra, a técnica mantém relações incongruentes com as necessidades humanas.

É preciso retomar o que seja distinguido como razão. Horkheimer, em *Meios e fins* (2002), discorre sobre a questão do significado do termo razão ao homem médio e que este manifesta constrangimento e indecisão de elaboração, posto que, transparece, desde há muito tempo, parecer não haver nada a ser indagado, devido à presunção do uso da razão vinculada à utilidade. Ou seja, racional seria tudo aquilo que expressa possibilidade de ser útil ao homem. O autor salienta que o entendimento possível das ações racionais é a possibilidade de classificar, inferir e deduzir, sem, contudo, considerar o conteúdo de tais ações; o que é considerado é o “funcionamento abstrato do mecanismo de pensamento” (HORKHEIMER, 2002) e, por isso, é denominada de razão subjetiva. Nesta, a adequação meio a fins a procedimentos tidos como ‘certos’ e auto-explicativos, não são questionadas em sua possível racionalidade, pois a tem como certeza, subjetivamente, posto atender aos ‘interesses do sujeito quanto à autopreservação’.

Nesse diapasão, volta-se a Freud, que, ao tecer considerações sobre a cultura, aponta-a como fonte de sofrimento. Salienta-se, contudo, que todos os indivíduos a ela estão submetidos, conquanto esta manifeste barbárie e violência. E, no capitalismo tardio, a cultura, que se tornou sujeito da dominação, impõe-se sobre os indivíduos, e é denominada por Adorno e Horkheimer (1985) de indústria cultural. Alerta-se que, em tal processo de dominação e, conforme Weber, em *Economia e Sociedade* (2005, p. 347), a dominação é

estado de coisas pelo qual uma vontade manifesta (mandato) do dominador ou dos dominadores influi sobre os atos de outros (dominado/s), de tal modo que, em um grau socialmente relevante, estes atos têm lugar como se os dominados tivessem adotado por si mesmos e como máxima de sua ação o conteúdo do mandato (obediência).

Conquanto Weber (2005) estivesse tratando da política institucionalizada, a dominação perpassa as relações sociais de produção e, antes, estava presente na cultura imposta sobre os indivíduos. Nesse contexto de indivíduos agindo, refletindo e atuando de maneira homogeneizada a partir da cultura, há que sopesar, ainda, a questão da junção de tais indivíduos no grupo, no coletivo. Freud (2016) discute, na perspectiva psicanalítica, a modificação

do indivíduo imerso no coletivo. No coletivo, a influência de uns sobre os outros é hipnótica, os impulsos “são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo de autopreservação, se faz valer. [...] A massa é [...] influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela” (FREUD, 2016, p. 14-5).

A cultura se impõe sobre o indivíduo, este a assimila e a reproduz, e, na cultura capitalista, volta-se a Weber (1984), o exercício do poder leva à dominação. A dominação impõe a vontade do dominador e, no processo, o indivíduo perde sua particularidade e prevalece o todo cultural; nele e com ele, o esgarçamento da autonomia e improbabilidade do esclarecimento (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). O indivíduo subsume-se no todo, que é a sociedade administrada; nela, um processo de busca da felicidade total, do bem-estar, mas essa sociedade é a da falta e o indivíduo submetido às relações sociais de produção sofre para dar conta do ter, entendendo que busca o ser. A sociedade administra a vida, racionalizando-a e leva à frieza.

Essa racionalização no desempenho da atividade é encontrada na administração e contabilidade da grande empresa capitalista, na gestão do Estado, na aplicação do Direito administrativo e no jurisdicionado, e alcança também a esfera familiar do indivíduo, que planeja número de filhos, determina a si quando casar, investimentos em quais áreas etc.

Pensar a racionalidade requer ponderar a relação teoria-*práxis* e ensaja o pensar a relação sujeito-objeto, relação discutida em toda a teoria do conhecimento. Para Adorno (1995b), o saber e a análise de qualquer fenômeno pressupõem a relação entre sujeito e objeto. Conhecimento é atividade e pensar, refletir é atividade. E essa relação é dialética. A dialética, para Adorno, só leva ao conhecimento enquanto possibilidade de autocrítica e, enquanto autocrítica, não se dogmatizaria.

A dialética consistirá no esforço imperturbável para conjugar a consciência crítica que a razão tem de si mesma com a experiência crítica dos objetos. Adorno (1995b), a partir da reflexão de Hegel, pondera que a dialética é o único modo possível para superar as dicotomias modernas entre pensamento e ser, sujeito que conceitua e objeto a conceituar, a forma e o conteúdo, conceito e intuição.

A dialética adorniana afasta o princípio de unidade e superioridade do conceito, apontando os limites de sua pretendida unidade. E o faz sob a perspectiva do movimento, do deslocamento. Ou seja, permite a compreensão segundo a qual o conceito é menos que o objeto, posto haver inadequação de compreensão na relação do sujeito em relação ao objeto. Emerge daí, com clareza, a ilusão da separação de ambos, desde o racional Ulisses e seus marinheiros, momento em que “a existência expurgada dos demônios e de seus descendentes conceituais assume em sua pura naturalidade o caráter *numinoso* que o mundo de outrora atribuía aos demônios” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 35). Essa separação que se deu desde muito antes, ainda no início da historicidade da cultura humana, no processo de divisão do trabalho, e quando esse humano não se limitou a produzir e reproduzir a vida, e sim ambicionou produzir as condições desta e distinguiu-se a existência de um trabalho físico (manual) do mental (intelectual). Esse foi o momento da cisão inicial entre sujeito e objeto, teoria e *práxis*, universal e particular. Todavia, a cisão entre sujeito e objeto não pode ser efetuada pela razão, e, porém, sua junção tampouco pode ocorrer pela unidade entre teoria e *práxis*.

Adorno e Horkheimer (1985), ao refletirem sobre a razão iluminista, apontam as possibilidades que esta poderia ter: na viagem de Ulisses havia a possibilidade das dimensões



da razão ser emancipatória ou instrumental. E essa razão poder optar pela emancipação da humanidade. No entanto, o desdobramento da razão instrumental, a dominação da natureza, pelo astuto Ulisses, que reprimiu e optou pelo sacrifício de si, enredou-se na dominação de outrem, e negou a possibilidade da liberdade: a análise dialética da razão aponta, então, os limites desta na perspectiva da instrumentalidade pelos princípios positivistas que, ao matematizar e buscar leis gerais, organizam as explicações e interferem na organização das relações sociais. E nega, por ser matematizante, a origem histórica dos fenômenos, buscando nos pressupostos das ciências da natureza as explicações. E adequaram meio a fins. Estes fins designaram que os meios utilizados pela ação racional se tornaram eles próprios, meios, os fins. E, para Adorno, esse entendimento é irracionalidade. Uma vez que a objetividade referendou a razão como instrumento de dominação, de “autoconservação” (ADORNO, 1995b, p. 221).

Tal relação, para Adorno (1995 b), é, na verdade, irracionalidade, pois a razão é meio de sua separação do sujeito que pretende conhecer e objeto a ser conhecido e que culmina, pelo exercício dessa dominação racionalizada em relação a fins, na irracionalidade de o próprio objeto identificar-se ao sujeito.

Racionalmente, as relações sociais e subjetivas passaram a ser mediadas por instrumentos que orientam escolhas: econômicas, educacionais, lazer. Orientam subjetivamente, como se pudessem os objetos da ação (indivíduos) e que se entendem sujeitos dessa, efetuar as escolhas, que foram previamente planejadas: pensa-se a Indústria Cultural; nela, um projeto (de)formador de educação, posto que tecnicista, conteúdos enxutos, acríticos; e, instrumentalmente, como se sujeito e objeto fossem unos. E a racionalidade, que institucionalmente era destinada às condições objetivas na sociedade, passou a orientar a vida privada, a escolha e o caminho biográfico dos indivíduos. Estes não se atentam para tais condições, não buscam as contradições das próprias escolhas, tornam-se reféns: o diploma para a colocação no mercado de trabalho em campos de conhecimento que não ensinam o pensar e não refletem os anseios. Vale a coisificação de si para manter a dignidade através do ter, do consumo. E vivencia o sofrimento pela impossibilidade da reflexão, objetifica-se, torna-se frio.

A dialética adorniana remete ao conceito de prática, uma vez que a teoria dialética critica o método por ele afirmar a existência e manifestação de leis gerais, tal como nas ciências da natureza, as quais poder-se-ia aplicá-las nas ciências sociais, e tais leis estruturais possibilitariam a determinação, *a priori*, de fatos que “[...] neles se manifestam e que são por eles modificados” (ADORNO, 1994, p. 63). Para tanto, a dialética reflete criticamente sobre si e sobre o risco de recair sobre o fetichismo dos fatos em nome da teoria e, ao “refletir criticamente sobre si mesma [...], constata que não está imune a falsa separação entre pensamento enfático e pesquisa empírica” (ADORNO, 1994, p. 64).

Na sociedade administrada, os pressupostos objetivos do interesse em jogo, a tentativa de imposição da vontade, a indústria cultural; esta se torna sujeito, na relação de consumo com o homem, que é o objeto. O homem tem feito escolhas: todavia, estas o têm conduzido à relação de dominação. A dominação vem relacionada à política institucional (WEBER, 1984), conquanto alcance as relações sociais e individuais e remetem à pseudoformação<sup>1</sup>. A pseudoformação advém de uma falsa formação, pois, na perspectiva da educação (aqui se pensa a escolar), os conteúdos standardizados, enxutos, resumidos, acríticos, separados e constantes dos manuais refletem essa impossibilidade de pensar e refletir. E, pensar é trabalho. Se não existe a possibilidade da formação, só a qualificação para o mundo do trabalho – nele, o do consumo –, o que se tem é a impossibilidade da autonomia, dos limites

do entendimento das contradições que marcam as relações sociais de produção. É o bloqueio do pensamento, agora formado na dominação do existente, do mundo dado pela indústria cultural, dos interesses econômicos. Esta é a regressão, é a heteronomia, é a reafirmação da dominação em todos os níveis.

Os autores frankfurtianos apontam a contribuição dos estudos de Freud na compreensão das condições geradoras da regressão, que remete à pressão civilizatória imposta aos indivíduos. Salienta ainda, que submeter-se à pressão civilizatória leva ao sofrimento e ao desespero, uma vez que esta pressão civilizatória evoca a identificação ao diverso, a diferenciação que concilia, repressivamente, um e outro, diferentes. É o princípio da negação do outro a ser aceito em nome e a partir da cultura, da civilização. Nesse sentido, o indivíduo deve conscientizar-se da possibilidade dessa convivência e relação, interação “a regulação dos assuntos humanos” (FREUD, 2016), de supostos iguais que, sendo tão diferentes, devam conviver, para evitar as consequências drásticas da barbárie e do sofrimento na atualidade, tendo em vista que eventos nefastos podem expressar a tendência social imperativa presente no mundo administrado: a frieza, a indiferença, e, com elas, a possibilidade da existência de genocídios ou guerras nacionalistas, a pseudoformação, e, mais presentemente, a incapacidade da frustração, ao sofrimento e adoecimento.

Pensando o adoecimento a partir do estudo de Canguilhem (1982), este autor aponta que a doença é espécie de norma biológica: por consequência o denominado estado patológico não pode ser entendido como anormal, posto que o seja tão só relacionado à situação determinada. A partir de tal entendimento, deve haver uma reflexão quanto ao sofrimento na sociedade administrada. Essa sociedade caracterizada pelo consumo, automatismo, frieza, individualismo, exercício da dominação em todas as esferas da sociedade levam os indivíduos a serem arrastados por, conforme Freud (2010), “um contágio de sentimentos”. Estes são elevados na carga afetiva dos indivíduos de maneira acrítica, e intensificados quando ocorre a imersão dos indivíduos nos coletivos, ou conforme Freud (*Ibid*), na massa. No mesmo sentido, aponta Freud (2010), ocorre uma diminuição da capacidade intelectual, aqui no sentido de não questionamento da prevalência da técnica no processo de formação humana.

Interessa, assim, refletir sobre o sofrimento prevalente na sociedade administrada. Nesta, uma de suas características fundantes é a frieza dirigida ao outro. Esse indivíduo incapaz da reflexão, no sentido da menoridade kantiana. E, buscando aceitação, no sentido de autopreservação, adere cegamente à coletividade em um processo de identificação sem autorreflexão crítica. E, revela de certa forma, a barbárie e a “consciência coisificada”, em que os indivíduos se identificam com o objeto, se alienam e se adaptam à coisa, ao objeto de desejo, sem o esclarecimento necessário para a compreensão dos fatos. Pois, “permanece cega frente a tudo o que veio-a-ser, frente a toda a compreensão da própria racionalidade, e absolutiza o que é- assim” (ADORNO, 1995b, p. 118). Esse tipo de consciência produz “pessoas embrutecidas pela tecnologia”, frias em relação ao outro. O mundo tecnológico potencializou o distanciamento entre os homens, o isolamento social e o preconceito sobre toda forma de ser e de expressão do diferente do estabelecido pelos padrões midiáticos. Isso gerou um processo de exclusão e regressão do esclarecimento à reificação, em que os indivíduos se alienam cegamente, sem o poder de manifestação contra essa barbárie social. E configura a irrazão. E a técnica enredada nas relações sociais engendra o sofrimento e leva à injustiça social, uma vez que a cultura é imposta ao indivíduo no seu processo de socialização e, dela, o indivíduo não escapa.



O indivíduo moderno, com características narcísicas, paga alto preço para ascender ao poder e apreender o objeto de seu desejo e corre o risco de investir sua energia libidinal na aquisição desse desejo, mesmo que custe em levar uma vida medíocre.

Na sociedade administrada, a técnica sana as necessidades mais impensáveis, conquanto a compreensão para Adorno e Horkheimer (1979) leve a expressão de que “assim, o mal não deriva da racionalidade do nosso mundo, mas da irracionalidade com que essa racionalização atua” (ADORNO; HORKHEIMER, 1979, p. 98). Atua na medida em que a prostração do espírito mediante a técnica seja a partir do incentivo *glamourizado* pelo diploma que promete o melhor para todos: possibilidade de inserção no mundo do trabalho, melhores colocações e rentabilidade, conquanto a possibilidade e o enredamento na técnica reduzam o homem à ‘coisa’, uma vez que os mesmos são descartados pela heterogeneidade que não é suportada na sociedade administrada.

Essa sociedade universalizou o padrão de consumo, na qual o objeto “consumidor” tem a realidade falseada; nela, na sociedade do capitalismo tardio, a “vida é um contínuo rito de iniciação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.127), e as dificuldades são modeladas em novas iniciações, novos recomeços, novos consumos: neles, novas promessas de recomeço. Uma das promessas feitas por tal indústria é a da liberdade econômica e sucesso pessoal. Esses poderiam ser alcançados pelo indivíduo a partir do diploma.

Adorno ressalta *o homo economicus* que se torna apêndice da maquinaria social e ideológica. O homem que é obrigado a atuar conforme os mecanismos objetivos da sociedade administrada pela lógica do consumo. Quando se tornou *economicus*, o homem não teve e não têm a possibilidade da autonomia. Heterônomos, tornaram-se parte da maquinaria social. Adorno desmistifica a prática social alienante ao apontar “se a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca, então a racionalidade desta constitui os homens” (ADORNO, 1995b, p. 186).

A educação passa a ser gerida com critérios do mercado capitalista, como busca de lucro, de eficiência e produtividade. A racionalidade instrumental destitui o pensamento autônomo e criador, de sujeitos reflexivos e de instigantes ideias, conceitos e ações capazes de possibilitar o conhecimento e leva à pseudoformação. Nega o conhecimento amplo,

Posto que o excessivo pensar, a inabalável autonomia, dificultam a adaptação ao mundo administrado, incontáveis pessoas projetam este sofrimento, que lhes é infligido pela sociedade, contra a razão como tal. Esta deve ser a que trouxe o sofrimento e a desgraça ao mundo (ADORNO, 1995b, p. 29).

Esses fracassos levam a barbarização. Há um tanto de contribuição da cultura para a barbárie advinda dos fracassos experimentados pelos indivíduos que investem sua energia libidinal nas possibilidades do sucesso que a sociedade e a indústria cultural insuflam. Os indivíduos desenvolvem psicologicamente sentimentos de culpa, não conseguem enfrentar e entender, elaborar que não há só sucesso. Existe fracasso, frustração a ser enfrentadas, e agridem por não suportarem a dor e o sofrimento. E o contributo da educação poderá se dar na compreensão de que os aspectos objetivos da falência da promessa feita pela cultura, que segundo Adorno (1995 a), leva “à imposição da barbárie”, uma vez que tais pessoas deverão se conscientizar e tomarem “aversão à violência física” (ADORNO, 1995b, p. 29) e ao direito de punição no processo de moldagem do outro para a vida social.

Educação deve se orientar para a emancipação, e esta precisa ser elaborada e alcançada por todos e “em todos os planos da vida” (ADORNO, 1995a). Esta educação exige investimento de energia libidinal para a resistência para a busca da contradição. Para Adorno (1995a, p. 162), educar é “refletir acerca das debilidades do que a gente mesmo faz; ou exigências que nos colocamos a nós, [...] superar representações infantis e infantilismos dos mais variados tipos”. Há que se buscar uma formação humana ampla e presente em uma sociedade livre, que não cerceie o pensamento nos pilares estéreis da lógica científica matematizadora. As artes e a própria linguagem se encontram cerceadas nessa sociedade da não liberdade, do não pensamento, uma vez que a indústria cultural determina os cursos rentáveis, constringe a liberdade de escolha e tais condições sustentam até agora a heteronomia, a incapacidade de o pensamento se pensar.

## THE HUMAN FORMATION AND EDUCATION: COUNTERPOINT TO RATIONALITY AND TO CULTURAL INDUSTRY

*Abstract: the present article aims to understand the education and the human formation in the contemporary society. This society presents high rates of suffering. It is understood, here, that this suffering stems from the constitutive rationality, which also constitutes the relations that distinguish the said contemporary society, be objective relations or subjective relations. And, in this study, the education contribution for the overcoming of this context is questioned. Therefore, the present article is anchored in Frankfurtian Critical Theory, especially in Adorno and Horkheimer, whose theoretical and methodological reflections allow the comprehension of the tension between subject and object, particular and universal, individual and society. For the present discussion, the categories work, culture and barbarism, human formation and education, rationality and suffering play a central role.*

*Keywords: Human formation. Education. Rationality. Cultural industry. Barbarism.*

### Nota

1. No Brasil, existe a discussão no meio acadêmico acerca deste conceito de Adorno, que, no alemão, é *Halbbildung*, mas traduzido para o português como *semiformação* e *pseudoformação*. De acordo com Neuvald e Guilhermeti (2006, p. 2), “*Halbbildung* é um termo alemão formado pela justaposição das palavras *Halb* (que pode significar meio, metade ou pseudo) e *Bildung* (que significa, ao mesmo tempo, cultura, formação cultural, formação da personalidade ou educação num sentido amplo). No entanto, *Halbbildung* não pode ser simplesmente traduzido por meia formação ou falsa formação, pois Adorno imprime um sentido dialético ao termo, no qual, simultaneamente, indica uma falsidade ou limitação do processo formativo, quando este perde sua articulação entre autonomia e dominação; mas, também, indica uma formação real e efetiva, apenas como dominação. Por isso, *semiformação* é um termo que vem sendo mais utilizado pelos tradutores, como Maar (1992), Pucci, Zuin e Ramos de Oliveira. Usar-se-á no, presente trabalho, o termo *Pseudoformação* no sentido da falsidade do processo formativo, conforme utilizado por Adorno, ao discutir a separação entre sujeito e objeto: “(...) mas, o psêudos (a falsidade) da separação manifesta-se em que ambos encontram-se mediados reciprocamente: o objeto mediante o sujeito, e, mais ainda, e de outro modo, o sujeito, mediante o objeto. A separação torna-se ideologia, exatamente sua forma habitual, assim, que é fixada sem mediação(...)” (1994 b, p. 183).

### Referências

- ADORNO, Theodor. W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

- FREUD, Sigmund. *Mal estar na civilização*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- HORKHEIMER, MAX. *Eclipse da razão*; tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.
- MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- WEBER, Max. *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais*. Tradução, apresentação e comentários de Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006.
- WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*, 1 e 2. Tradução de Augustin Wernet; Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtemberg. 3 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- WEBER, Max. *Economía Y sociedad*. México: Fondo de Cultura, 1984.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Organização e introdução: H.H. Gerth e C. Wright Mills. Tradução: Waltensir Dutra. Revisão técnica: Fernando Henrique Cardoso. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1979. (Biblioteca de Ciências Sociais).